

AMERICA

JORNAL NOTICIOSO, LITTERARIO E SCIENTIFICO

SEGUNDA-FEIRA

8 DE AGOSTO

ANNO I. N. 2

PROPRIETARIOS: ZACARIAS SALCEDO & M. J. ESTRELLA

REDACTORES: DIVERSOS

Preços: por trimestre 25.000 réis para esta cidade; pagamento aiantado.

PUBLICA-SE

NO RIO GRANDE

1870

MEMORIAL

A AMERICA.—Este jornal, vai cumprir hoje um sagrado dever, para com seus assinantes.

Bem longe, estava da idéa de seus fundadores, que o mediocre fructo de seus trabalhos, pudesse encontrar no publico uma acceitação que bem pôde traduzir-se por uma voluntaria e vajiiosa protecção.

A America, pois, que conta já com uma circulação de 300 exemplares, nesta cidade, envidará todos os esforços para que, do alto conceito em que foi tida e aceita, não tenha que cair e arrependir-se de um mau ou errado passo.

Agradecida, por isso, promette, se a protecção publica em diante não faltar-lhe, seguir sempre o caminho delineado por seu programma e fazer no principio de seu segundo trimestre alguns melhoramentos de importancia, afim de recompensar digna e devidamente a generosidade de seus favorecedores, de que é hoje devedora e profundamente obrigada.

AGRADECIMENTO.—A's illustradas relações do Artista e *Diario de Pelotas*, agradecemos a honrosa menção que fizeram do apparecimento da America.

A' estes amigos seremos eternamente agradecidos devedores.

UM GRANDE ARTISTA.—Acha-se entre nós, vindo de Montevidéo o Sr. Parigi celebre professor de *sonambulismo*, *prestidigitacão* e *magnitismo*.

Uma immorredoura fama precede a este artista, desde que pison as cidades mais importantes das republicas do Prata e exhibiu seus admiraveis trabalhos.

Tambem chegaram em sua companhia as festejadas somnambulas Sra. Didone Parigi de Bizziacani e a joven Cleopatra.

O professor Parigi, deve brevemente mostrar-nos, no theatro Sete de Setembro, seus admiraveis trabalhos, dos

quaes então faremos menção proxima mente.

Para darmos uma pequena idéa ao publico, deste artista, basta dizer-mos que elle compromette-se a fazer aprender a qualquer pessoa em tres dias a arte do *magnitismo* ou seja a sciencia de Mesmer.

Entendemos, que elle dará tambem, aos enfermos, suas sessões particulares.

Saudando á tão distincto artista, recommendamol-o ao illustrado publico desta cidade.

UMA CARTA AMOROSA. — Vou referir uma pequena aventura, que ha alguns annos succedeu a um meu amigo em Bogotá. Este amigo deu na flor de namorar, e um domingo, depois de almoçar, appareceu em meu quarto e disse-me:

— Vou communicar-te uma cousa muito original.

— Vejamol a.

— Estou furiosamente apaixonado.

— Isso tem mais de loucura que de original, lhe respondi.

— Nada de afilacões; o assumpto é sério. A mulher de meus pensamentos, é calma, apagada, calculista; seu coração é uma Siberia, em cujas nevas, quero introduzir alguns raios de sol tropical. Como não posso fallar-lhe senão em visitas ceremoniosas ao domingo, quero por isso, escrever-lhe uma carta, ardente, escandecente, volcanica, e de compor seu coração, fundil-o nas chammas do verdadeiro amor.

Isso já pertence á *chimica*, lhe dice, interrompendo-o.

— Quero fallar-lhe de amor, continuou elle, de uma maneira original e desconhecida, como não fallaram nem Abelardo, nem Macias, nem Antony; porém desgraçadamente o mais trabalhoso em todas as cousas é o principio, e como não encontro um arranque, uma sabida, uma força, digna de semelhante carta, venho para que me a dities.

Eu que naquelle dia, tinha o pensamento á mil leguas distante dos *amores*

volcanicos; fiquei tão confundido, como poderia ficar o czar da Russia se lhe pedissem sua opinião sobre o *self government*.

— Não escrevas cartas, lhe respondi, conta-lhe todas as necessidades por que passas, porque as palavras vão-se e as cartas ficam. Se ella não te acceita, a tua epistola andará em todos os costureiros de Bogotá, pois as mulheres julgam-se engrandecidas quando podem demonstrar suas vaidades. Os homens avisados e conhecedores do mundo, não deixam nunca dados, pelos quaes possa seguir-se no futuro as pisadas de sua vida passada.

— E' uma cousa resolvida, me respondeu; dita-a.

— Escreve, pois, lhe disse, para não mostrar-me inteiramente lego no assumpto, *meu enjo*.

— Impossivel que eu puzesse isso, exclamou: tanto já se ha chamado de anjos as mulheres, que isto já é uma vulgaridade. Julgava-te mais original. Assim escrevem os parvos sentimentaes.

— *Meu adorado tormento*.

— Tão pouco: isso indica uma familiaridade irrepeitua.

— *Minha senhora e minha dona*.

— Que horror!! exclamou o aborrecido namorado.

Um negociante com cincoenta annos e cincoenta mil patacoes, retirado dos negocios, seria o unico capaz de escrever desta fórma tão prosaica.

— Se assim não te agrada, lança-te ao romancismo e corôa a tua carta por esta fórma: *estrella de meus sonhos*.

— Detestavel!! exclamou. Digo-te que não quero escrever como todo o mundo, e me sahes com umas *phrases* que todo o mundo escreve.

— Anda nos infernos (lhe respondi) com tuas pretensões á originalidade. Diz-lhe em prosa chã que a queres, que fará contigo uma vida de perolas; e se por accaso te recusa, leva á outra parte o expediente: sómente os necios deixam-se morrer porque uma mulher deu-lhe vontade de não que-

rel-os. Se uma te diz que não, com te dirão que sim."

INSTRUÇÃO E RECREIO.—A directoria desta sociedade bailante, convida a todos os senhores socios para reunirem-se amanhã às 7 horas da noite nos salões da mesma.

Esta reunião tem por fim a eleição de uma nova directoria que deve funcionar durante o segundo semestre do corrente anno.

FESTIVIDADE RELIGIOSA.—Teve lugar hontem na igreja Matriz a festividade de N. S. Sant'Anna.

Immensamente concorrida foi ella. O templo ricamente preparado apresentava um aspecto sublime e respeitoso.

Seria, por isso injusto, negar o grande zelo e actividade desenvolvido pela mesa administrativa dessa irmandade.

Fazer-mos aqui uma succinta descripção de todo o brilhantismo dessa festa, seria para nós trabalho improficuo, pois temos quasi certeza que n'algum ponto commetteriamos uma falta ao dever de fieis narradores.

Concluido o primeiro ceremonial da festa, que foi no côro, magnificamente abrilhantado pelo mavioso canto de algumas jovens distinctas de nossa sociedade, occupou a tribuna sagrada, o illustrado vigário Sr. Damasio de Mattos.

Como sempre, o distincto orador sacro, soube collocar-se na altura á que o eleva sua profunda intelligencia, e desenvolvendo um grande thema analogo á festa q' se celebrava, arrebatou e trouxe a convicção á seus ouvintes; a força de sua palavra tocou ao sublime.

A' tardo houve beija mão á imagem da mesma Senhora Sant'Anna.

Antes de terminarmos, cumpre-nos felicitar ao Sr. José Marques Vaz de Carvalho, que, como juiz da festividade que viemos de enumerar, não poupon sacrificios, para que ella estivesse na altura do santo que se commemorava.

—Em seguida damos a eleição, que nos foi obsequiado pelo cavalheiro Sr. Ernesto Doux, de juiz e mesarios da irmandade da N. S. Sant'Anna para o anno de 1870 á 1871.

El-a :

Juiz :—O Illm. Sr. Daniel de Barros e Silva.

Juiza :—A Illma. Sra. D. Joanna Manoella Rodrigues Claussem.

Juiz por devoção :—O Illm. Sr. Dr. Henrique B. Marques Canarim.

Juiz por devoção :—A Illma. Sra. D. Zeferina de Azevedo Alves.

Escrivão :—O Illm. Sr. José Bernardino da Rocha.

Thesoureiro :—O Illm. Sr. Domingos José Duarte.

Procurador :—O Illm. Sr. João de Freitas Lima.

Mesarios :—Os Illmas. Sras. :

Clemente José Fernandes, Antonio Agostinho do Nascimento, Manoel João Cardoso, Francisco da Silva Rasteiro, Frederico José da Silva Póvoas, Domingos José Borges, Antonio Bastos Faltahares, Normelio de Azevedo Fagundes, Antonio José Gonçalves Mustardeiro, Domingos da Costa Menezes, Antonio de Moraes Vizeu, José Manoel Rodrigues Vianna.

Zeladora.—A Illma. Sra. D. Anna Eliza Pereira. (Receita.)

Mesarios.—As Illmas. Sras. DD. :

Maria Germana da Rosa, Anna Soares Bento, Adelaide Borges Soares, Constança Laroche Quaresma, Francisca Amalia de Medeiros, Lucilia De Lamare Pinto, Virginia Corrêa Bezerra, Etelvina dos Anjos Moreira, Maria Justina da Soledade, Adelia Carolina de Rezende Silva, Maria Almeida da Rocha, Carlota Cardoza.

GUARYBA. — Este vapor annuncia partir amanhã ás 11 horas do dia, para a capital da provincia.

ARREMATACÃO. — O Sr. Antonio Pereira Bastos, vende hoje ás 11 horas do dia, todas as existencias de uma taberna á rua de Paysandú.

MISSA.—Os parentes de Ramiro Bastos, fallecido na capital do imperio, mandam amanhã ás 8 horas do dia dizer uma missa na igreja Matriz, em suffragio eterno do mesmo finado.

PARA JAGUARIO. — O vapor Guarany, amanhã ás 8 horas.

PARA O RIO.—Obteve sahida hontem, o paquete Santa Cruz.

POESIA

CREPUSCULO.

(N'UM ALBUM.)

O sol se escondendo por traz da montanha,
Colorindo o horizonte de líbio fulgôr,
Min' alma se prostra saudosa e tristonha,
Que o sol se escondendo nos falta de amor.

As flores no prado derramam perfumes,
D'um verde tristonho se veste a campina;
Mas doce é o threnico do hardio seluço,
Mais languo se dobra na haste a bonina.

As nuvens passeando n'um céu azulado,
Suspiram saudosas deixando seu lar;
As agudas da fonte tão frescas, tão claras,
Murmuram calmente no seu arenar.

Suspiros saudosos desprende min' alma
No bosque sombrio fallando co' as flores,
Recordo o passado na doce ventura
Que tinha meu seio na terra d'amores.

No mystico culeiro que traz o crepusculo,
Min' alma se enlaga e aspira ventura,
Então da meu livro de eterna harmonia
Então meus hyannos de amor e ternura.

O sol se escondendo por traz da montanha
As' um outro hemispherio seus raios dará :
Assim de tu' alma de crianças luziro,
Um raiço fulgente a minh' alma verá !
Rio Grande—1870.

J. P. Pinheiro.

A ballada do desesperado

H. MUNOZ.

— Quem bate á porta a taes horas
" Abre, sou eu :— quem t'is és ?
Não se entra na minha casa
Tão tarde assim bem o vés."

" Abre. Ten nome ?— Ha giada,
Abre. Ten nome ? és tardio !
Qual é teu nome ? Ai, na cova
Um morto não tem mais frio."

" Eu caminhei todo o dia
Do Sul ao Septentrão,
Ao pé da tua lareira
Quero sentar-me." — Inda não !

" Diz teu nome....—Eu sou a gl
Espiro a posteridade...."
—Passa fantasma irrisorio !...
" Oh ! dae-me hospitalidade !

" Eu sou o amor e a esperança
As duas porções de Deus..."
—Segue a estrada.... a minha ar
Ha muito me disse adeus !

" Eu sou a arte e a poesia,
Prosevem-me... Abre !"—Não
Já não canto minha amada
Nem sei que nome lhe dão !...

" Abre, que eu sou a riqueza,
Trago do ouro o fulgor.
Posso dar-te a tua amante..."
—Pódes dar-me o seu amor ?

Sou o poder, tenho a purpura.
Abre a porta !—"Anheio vão !
Podes trazer-me a existencia
D'aquelles que já não são ? !

" Se tu não abres teus lares
Senão a quem diz seu nome,
Sou a morte ! trago alvoro
Pra cada dôr que consome !

" Podes vêr, trago na cinta
Ruidosas chaves fates...
Abrigarei teu sepulchro
Do insulto dos animaes.

" Entra, estrangeira funerea...
Perdoa a mendicidade,
Porque é o lar da miseria
Que tens hospitalidade.

" Entra, capsei-me da vida
Que nada tem que me dar...
Ha muito eu tinha desejos
(Não força) de me matar !

" Entra no lar, bebe e come,
Dorme, e quando despertares
Para pagar tua conta
Hasde levar-me aos teus lares.

Eu te esperava, eu te sigro...
Vamos... arrasta-me... assim...
Mas deixa o meu céu na terra
Pra eu ter quem chore por mim !...
S. Paulo.

Castro Alves.

— No caminho encontra-se a *Atalaya* mal-dita.

Havia nestas expressões alguma cousa de supersticioso e aterrorizador.

E verdade que no caminho existe essa torre, respondeu o montanhez, porém nada há a temer hoje, dousas sangrentas historias que o vulgo tem espalhado acerca della. Se alguma cousa occorreu ali, deveria ser em tempos antigos.

— Contudo, vive nella a mesma familia, á quem attribuem um poder terrivel.

— Não devemos fazer caso disso; marchemos.

Anselmo tomou a chupa, pôz á cintura o caracol e deu sua mão á Tula para que descessem ao largo do penhasco.

Porém ao mesmo instante, sobre o vento que se abalava e o Oceano q' rugia, sentiu-se uma vibração estranha, um echo rucho que voava sobre as crestas das rocas, uma especie de annuncio fatidico que indicava a proximidade do perigo.

O ouvido experimentado de Anselmo comprehendeu que o que se ouvia sobre o ar e sobre o mar, não era outra cousa senão os echos das bozinas dos montanhezes, que levavam até os ultimos recantos de Asturias, a noticia da entrada dos francezes.

O montanhez então deteve-se; olhou á joven com ansiedade, e tomando o caracol, levou á boca e produziu um prolongado e estridente som que foi perder-se na extensão da costa.

— Este é o signal, disse: amanha todo o povo estará com as armas na mão, para sustentar a independencia da patria. Agora não perdamos um instante; corramos para o castello de S. Yuste, enquanto agrupam-se nossos irmãos sob o estandarte da virgem da Soledade.

Repetiu o som do caracol, com toda a força de seus pulmões, e alumiado pelos resplandores do triste crepusculo daquella tarde tempestuosa, baixou do penhasco, acompanhado de Tula, para dirigir-se ao castello por uma senda immediata.

A marcha foi rapida, tal como as circumstancias o exigiam.

Dizemos que o castello de S. Yuste era uma obra do seculo XV; mas agora que vamos collocar-nos sob suas muralhas, devemos dar uma resenha de sua situação, posto q' aquellos viajantes que recorrerem o paiz classico de nossas primeiras glorias, ainda o possam contemplar, desafiando ao tempo, implacavel inimigo destes illustres monumentos.

Perto de uma ponte por onde se desliza modestamente o rio Cabra, emui immediato á uma taberna bastante conhecida no valle de Penheles, elevava suas vestutas torres a fortaleza que nos occupa. Reformas posteriores ás épocas guerras as haviam dado certa apparencia não tão temivel; suas torneiras haviam-se convertido em espaçosas janellas, cubertas de fortes gradas; e suas prolongadas armarias em extensos e commodos salões, onde passava-se uma vida meia campestre e meia senhorial, pela familia que o habitava.

Pelo que vê-se, o nobre barão de S. Yuste retirado da corte desde as graves complicações politicas que haviam produzido a abdicção de Carlos IV, a queda de Godoy, e a

surda irritação do povo, vivia naquella sombria morada de seus antepassados, mas bem indignado por nossa degradação, que desejoso de envolver-se nos partidos que naturalmente se engendraram do resultado do triste espectaculo de nossas misérias; mas quando a ambição de Napoleão apresentou-se desmascarada para impôr-nos o pesado jugo de sua conquista, então o Sr. de S. Yuste experimentou um desejo vivissimo de oppor-se aos progressos do estrangeiro.

Ordenou, pois, um systema de defesa; tomou á seu cargo parte da insurreição do paiz e estendeu o *ultimatum* á todas as povoações, aldeias e casebres, compromettendo seus interesses, e fez quanto podia desejar-se de um nobre e rendido castelhano, que levava escripto em seu coração a conhecida divisa de *Rei, Patria e Lei*.

Dada esta ligeira explicação facil seria comprehender o effeito que produziria em sua alma o echo das bozinas que haviam repetido todos os montanhezes, e que havia alarmado a todas as povoações.

Quando Anselmo e Tula chegavam ao terrado do Castello, encontraram na porta ao barão, que, a cavallo, dictava algumas disposições á alguns montanhezes que o rodeavam.

Em segundo termo, viam-se agrupadas duas senhoras cheias de terror.

Eram a esposa do barão e sua filha.

— Anselmo, exclamou o cavalheiro, quando descubriu o nosso joven, é necessario que me sigas n'este momento. Tula, fica ao lado das senhoras; e vós outros prossegui dirigindo-se aos montanhezes correi cada qual a desempenhar o cargo que acabo de dar-vos.

Esta ordem foi pontualmente executada e as portas do castello se fecharam, e prompto, o barão cruzou a ponte immediata seguido apenas de Anselmo.

A noite havia-se estendido, e sinistros relampagos cruzavam no fundo do horizonte. Passavam as nuvens pelo céu como as vagas de um mar negro e silencioso que carece de limites; o ar elevava um lastimoso rumor; como a fera que ainda não despertou.

Caminharam meia hora sem despregar seus labios, até que penetraram em um escuro bosque que estendia-se na confluencia de duas montanhas.

— No meio desta espessura, observou Anselmo, encontra-se a *Atalaya* mal-dita.

— Porque fazes esta observação? perguntou o barão, apertando mais o passo.

— Ha crengas no valle, de que não é muito prudente passar-se por este sitio, e muito mais em noites tão escuras como a presente.

— Diabo! exclamou o barão: és supersticioso?

— Nunca o fui, senhor.

— Nesses caso debes entender que nos dirigimos ao que tu e o vulgo chamam a *Atalaya* mal-dita.

Anselmo sentiu um mau estar inexplicavel, apesar de seu reconhecido valor, porém, guardou-se muito bem de fazel-o patente, e seguiu em silencio ao cavallo que o barão cavalgava.

Este entregou-se ás reflexões.

Em altura que descia até submergir-se no mar e ao outro extremo de um bosque, elevava-se uma corpulenta torre, que ao mesmo

tempo poderia servir de pharol em uma noite tempestuosa, como de parapeto em uma invasão de piratas.

Esta torre era appellada pelo vulgo com um nome sinistro, devido talvez á recordação de alguma fatal historin occorrida em seu seio; mas por maior que fôra o empenho em dai-lhe apparencias fantasticas, o tempo, se não encarregou-se de desmentil-as, ao menos não tinha dado materia para que se fomentasse.

Habitava uma familia na *Atalaya maldita*, porém ninguém a tratava; á alguns cavalheiros da comarca, mais bem por curiosidade que por dever tinham ido offerecer seus respetos á seus solitarios moradores, mas em não voltavam, ou as relações principiadas haviam sido frias e ceremoniosas.

O barão de S. Yuste, que sabia tudo isto perfeitamente, não separou-se de seu proposito. Penetrou no bosque que conduzia directamente á *Atalaya* e em breve apresentou-se esta como um gigante meio envolto entre as neblinas do mar.

Descendeu por uma perigosa pendente, e logo que chegou á porta fez resoar uma grossa aldrava de bronze que estava ali pregada. Ainda que o estrondo do mar apagasse o ruido produzido pelo cavalleiro, d'ahi a um momento a porta abriu-se pausadamente, e appareceu uma ancía pallida como um espectro e vestida com um traje cinzento d'un corte antigo, e com uma lampada na mão.

Anselmo, julgou que era uma visão.

O barão apeou-se e apressou-se á saudal-a.

CAPITULO II

Prologo de uma historia

— A quem procuraes? perguntou a ancía com um accento tão incisivo como o fio de uma faca.

— A senhora de Segalvo, respondeu o barão inclinando-se.

— Passa adiante cavalleiro, estais em frente d'ella.

O barão obedeceu, indicando com a vista a Anselmo que cuidasse do cavallo e o esperasse á porta.

Esta fechou-se, e a ancía com o auxilio da lampada, principiou a subir umas empinadas escadas.

Eram estas uma sombria espiral que repetia o echo dos passos de uma maneira paavorosa.

Quando chegaram ao primeiro patamar o barão descobriu um escuro corredor em cujo final se devisava uma pequena porta.

Seguiram silenciosamente essa ruta e a ancía penetrou em uma habitação oval de escuras paredes, cobertas de velhos tapamentos e cuja abóbada era sustentada por quatro pilares que terminavam em um rosetão.

Um curioso houvera descoberto no centro deste rosetão a cabeça de um demonio de pedra.

Os moveis eram escaços, algumas cadeiras antigas de couro e uma mesa cheia de papéis.

No texto principal via-se um quadro encoberto com um panno de gaze, por detraz do qual descobria-se o retrato d'un cavalleiro vestido com o uniforme de capitão de guardas walonas.

Sobre o dourado marco via-se um escudo d'armas cuberto por uma corôa de Cavaleiro.

Depois que o barão examinára minuciosamente todos estes adornos, tomou assento em uma cadeira que a delgada e branca mão da ancía lhe mostrou.

Esta logo que olhou detidamente ao recém-chegado, dirigiu-lhe estas palavras:

— Cavalleiro, se tivesses o obsequio de indicar-me o objecto de vossa visita, estou prompta á ouvir-vos.

— Que antes de despregar meus labios, respondeu o barão, certificar-me se eras vós a pessoa a quem procuro.

— Duvidaes?

— Não pôde offender vos esta ligeira desconfiança.

— Repetir-vos-hei então cavalleiro, que sou Francisca Hypolita Xeyra de Yusa, condessa de Segalvo, e esse retrato que tens por diante, é o de meu esposo morto na batalha de Trullas.

— O barão inclinou-se, e respondeu:

— Neste caso, senhora, entendamo-nos.

— Isso espero de vós, replicou a condessa.

— Para que assim seja, julgo de meo dever pronunciar uma palavra.

— Qual?

— Eil-a aqui: *Cavodonga*.

Duas chammaradas de estranho enthusiasmo brilharam nos olhos da ancía. Ante esta palavra que era a sua vez uma recordação gloriosa de nossa independencia, brotou um ligeiro sorriso de seus labios e desarugando em parte o gesto de sua phisionomia, exclamou:

— Cavalleiro, essa palavra demonstra que estaes iniciado na mais santa das causas, na mais heroica empreza, que accommettera o povo hespanhol.

— Consta-me, senhora, que estais encarreda pela junta estabelecida em Madrid, de dar impulso ao movimento que deve verificar-se em nossa provincia, em sua consequencia venho receber vossas instruções.

Neste caso, observou a condessa de Segalvo, deveis ser o barão de S. Yuste.

— Em effeito, sou eu mesmo.

— E' dizer o chefe nomeado para pôr-se á frente da sublevação.

— Sim, senhora.

A ancía fixou no barão sua vista sagaz e investigadora.

Era este um cavalleiro como de quarenta annos, de phisionomia enxuta e sympathica, olhar vivo e ardente, fronte elevada na qual se comprehendia a fé e o enthusiasmo em sua mais alta expressão, certa ceneridade immutavel como o destino, que era mais que valer, mais que ousadia, e uma superioridade de rapa e de intelligencia, que brillava em seus gestos, em seus movimentos e palavras.

A condessa lêo como n'um livro estes rasgos característicos do barão.

Depois de haver decorrido o tempo necessario para fazer seu exame disse:

— Está bem; conheço que sois o mesmo, e por tanto aqui tens uma carta dirigida á vós, que recebi hontem á noite.

E tirando do seo seio um papel cuidadosamente dobrado, entregou-o ao cavalleiro.

Este apressou-se a desdobral-o. A parte escripta era tão laconica; que apenas occupa-